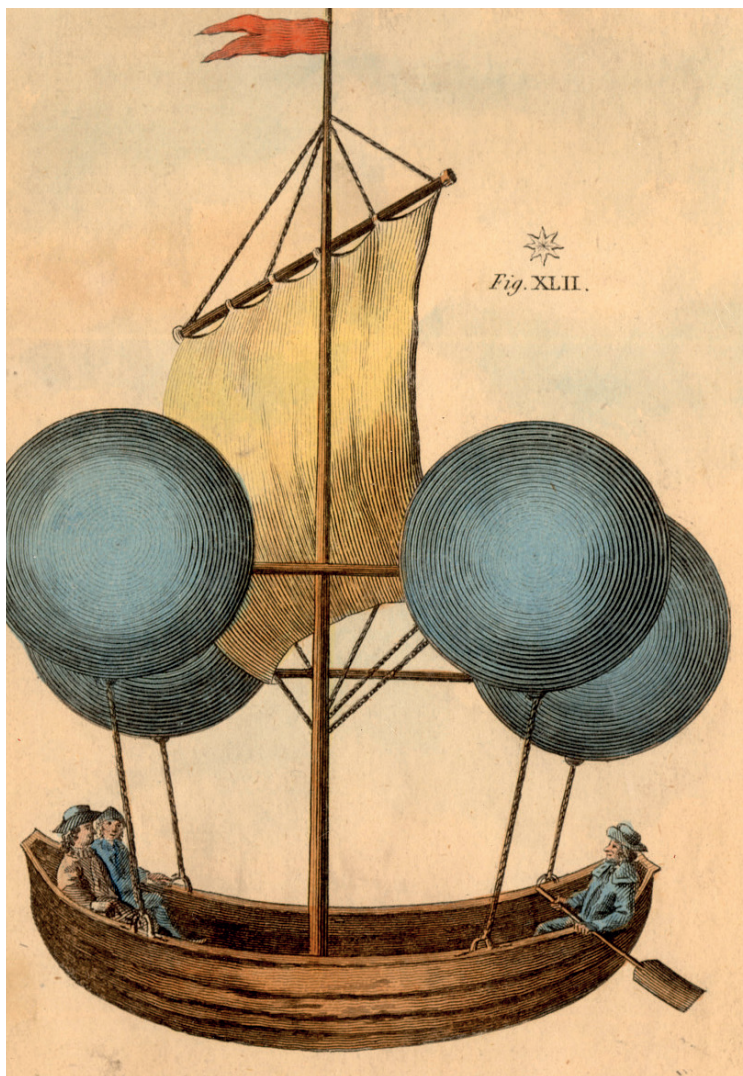


# Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 50 jan-jun 2024 ISSN 1413-6651

IMAGEM A gravura do século XVIII, colorida à mão, apresenta o “navio voador” originalmente concebido pelo jesuíta e cientista italiano Francesco Lana de Terzi em seu *Pródromo, ouero, saggio di alcune inuentioni nuoue, premesso all'arte maestra* de 1670. A embarcação apresentaria quatro esferas de cobre que seriam evacuadas em vez de preenchidas, elas supostamente seriam leves o suficiente para levantar o peso da nave. O *Pródromo* teve grande repercussão na comunidade científica do século XVII, inclusive, sobre Leibniz e a Royal Society.

## RESENHA

### O QUE FAZER DO QUE SOMOS?

Homero Santiago,  
Professor, Universidade de São Paulo/CNPQ,  
São Paulo, Brasil  
homero@usp.br

Resenha de: Luís César Guimarães Oliva. (2023). *Natureza e graça em Blaise Pascal*, São Paulo: Paulus.

“Toda a infelicidade dos homens provém de uma só coisa: de não saber ficar quieto num quarto.” (Laf. 136/Br. 139)

Essa aguda observação de Blaise Pascal recolhida entre os materiais que a tradição convencionou denominar *Pensamentos*, embora feita no século XVII, protagonizou um caso raro, quiçá único, na história do pensamento. A pandemia e as agruras do isolamento social que vivenciamos há tão pouco tempo vieram demonstrar, a distância de centenas de anos, como se num inacreditável experimento planetário, a verdade desse aspecto da condição humana detectado por Pascal: as gentes não querem nem conseguem sossegar, são naturalmente inquietas; preferimos o risco da doença mortal a recolher-nos e ter de encarar a nós mesmos.

O isolamento bloqueia a nossa incessante busca de “divertimentos”, ou seja, tudo aquilo que tem o condão de nos distrair e fazer esquecer da vida, do mundo e, principalmente, de nós mesmos, do que somos e de nossa condição:

do ponto de vista de Pascal, seres do *meio*. Cada um, desde que reflita um pouco sobre si, reconhece tangenciar grandezas (quem nunca fez uma boa ação? quem nunca sonhou com algo melhor?) e ao mesmo tempo perpetrar baixeiras (quem nunca as praticou, atire a primeira pedra). Em todo e qualquer indivíduo, convivem algo de altivo e de baixo, e nos encontramos inapelavelmente *entre* esses polos. Fosse só uma coisa ou só outra, tudo estaria resolvido; mas isso é inconcebível porque somos *humanos*. Estamos e vivemos, com perturbadora necessidade, entre o finito e o infinito, o baixo e o alto, a miséria e a grandeza, pisando o pó da terra e simultaneamente siderados pelo céu – sempre podendo seguir numa ou noutra direção, para nossa alegria ou para nossa tristeza.

Quais as razões dessa extravagante condição? Em busca de explicações, Pascal assume a perspectiva de um cristão exigente e ampara-se numa teologia severa que identifica em nosso ser uma ambiguidade fundamental decorrente do pecado cometido pelo primeiro homem, Adão: o ultraje infligido pela criatura finita a seu criador infinito, uma injustiça portanto incomensurável cujos efeitos desde então marcam indelevelmente a nossa natureza, produzindo uma segunda, e se alastram pela história humana. Por isso estamos condenados ao meio e, assim que nos damos conta disso, ao *tédio*. Nem no inferno nem no paraíso, toca-nos viver *neste* mundo correndo todos os riscos a cada momento, trabalhando pelo incerto, como se numa corda bamba. É isso que nos irrequieta, e é para escapar dessa condição, ou pelos menos aliviar o fardo, que sempre estamos em busca de distrações e divertimentos que funcionem à guisa de proteção e paliativo: os jogos envolventes, os comes e bebes infinitos, a vida social intensa, e por aí vai. Inversamente, ficar quietos e sem divertimento, nos entristece, pois nos obriga a pensar em nossa condição, produzindo assim o insuportável desnudamento da raiz de nossa infelicidade, a saber, nós mesmos. De um ponto de vista pascaliano, tal como expresso na nota inicialmente aduzida, está aí o motivo de o isolamento – quedar trancado e com tempo para nós mesmos – ser tão aterrorizante. Mal comparando, tem o feito daquela ansiedade, daquela irritação e daquele horror exprimidos por quem “perde” um ou dois minutos perante o farol na expectativa de atravessar uma rua; sempre

apressado para não fazer nada, incapaz de sossegar um momento, como se o mundo fosse por isso acabar. Eis o peculiar e paradoxal mal-estar descoberto por Pascal: a irrequietude provocada pelo imperativo da quietude.

Ora, o que fazer disso que somos nós mesmos?

Uma rica exploração desse ingente, instigante problema pascaliano é o que nos propõe Luís César Guimarães Oliva em seu *Natureza e graça em Blaise Pascal*. Ao leitor interessado nesses problemas, o trabalho serve de fio de Ariadne para percorrer os textos esparsos, incompletos e póstumos de Pascal, que (nunca é demais lembrar) morreu juveníssimo e mal teve tempo de dar organização às notas que guardava para compor uma apologia da religião cristã. O foco do estudo recai sobre os dois conceitos cruciais da problemática que acabamos de esboçar: a periclitante *natureza humana*, que desde a queda adâmica nos é uma danação, e o mistério de uma *graça* que, redentora embora, não nos acode senão por intervenção divina.

O leitor amante de Pascal pode estar certo de apreciar no livro de Luís César Guimarães Oliva um retrato lícido e rigoroso do filósofo. Já os que torcem o nariz ao ouvir o nome do jansenista, saibam que só perderão em fazer ouvidos moucos aos problemas reais que ele descobriu e buscou, ao seu jeito, enfrentar; eu até diria que a leitura do livro em questão é recomendada especialmente a estes últimos. Convenhamos, não é preciso esposar a teologia veiculada por Pascal para reconhecer a sutileza de suas observações e de seu entendimento da condição humana, invariavelmente intermediária entre naturezas díspares, o pecado e a redenção. Entre uma coisa e outra, insinua-se o dilema de descobrirmos, dadas as circunstâncias, como lidar com o que somos e quem sabe, com um pouquinho de sorte, aprender a ficar quietos num quarto, quando isso for estritamente necessário.